

Desafios do Jornalismo na Era do Negacionismo Climático

*Challenges of Journalism in the
Era of Climate Denialism*

Cláudio Angelo

[ORCID: 0009-0009-9771-618X](https://orcid.org/0009-0009-9771-618X)

Resumo

O desafio de combater o negacionismo climático como jornalista e comunicador não apenas segue presente, mas se intensifica quando percebemos os acontecimentos recentes. Não é mais aceitável que precisemos dar espaço aos negacionistas. Assim, a comunicação sobre o clima e meio ambiente necessita atuar de maneira mais radical e direta sobre os impactos das mudanças climáticas, tais como Greta Thunberg e David Wallace-Wells, que recentemente conseguiram ser mais efetivos, mesmo não sendo cientistas. É preciso reconhecer que, em certa medida, o negacionismo conseguiu adiar ações efetivas contra as mudanças climáticas e organizarmos nossa comunicação para salvar o que é possível.

Palavras-chave: Mudanças Climáticas. Negacionismo. Comunicação e Jornalismo

Abstract

The challenge of combating climate denialism as a journalist and communicator not only remains present but intensifies as we observe recent events. It is no longer acceptable for us to give space to deniers. Thus, communication about climate and the environment needs to act in a more radical and direct manner regarding the impacts of climate change, as seen with figures like Greta Thunberg and David Wallace-Wells, who have recently proven to be more effective, despite not being scientists. It is necessary to acknowledge that, to some extent, denialism has succeeded in postponing effective actions against climate change, and we must organize our communication to salvage what is possible.

Keywords: Climate Change. Denialism. Communication and Journalism.

No início desta mesa, houve uma nota de pesar¹. Depois desta nota, eu queria aqui adicionar uma outra nota. Acabei de ficar sabendo, quando eu estava entrando aqui neste auditório, que morreu o Alberto Setzer, pesquisador do INPE (BRASIL, 2023), que talvez seja a pessoa mais importante, ou o cientista mais importante do Brasil, vinculado à preservação da Amazônia. Setzer foi o primeiro pesquisador que monitorou queimadas no Brasil, ainda no começo da década de 80. Ele descobriu, meio sem querer, que havia queimadas na Amazônia numa dimensão que ninguém imaginava. E, desde então, tudo o que tem sido feito nessa área pelo Governo Brasileiro, desde o governo de José Sarney (entre 1985 e 1989), a criação do IBAMA, tudo isso tem alguma relação com o trabalho de Setze, que é mantido continuamente desde a década de 1980. Essa é uma perda gigante para a ciência no Brasil e eu não queria dar essa notícia, muito menos ouvir essa notícia, mas, enfim, aconteceu agora e todo mundo com quem eu falei está meio passado, e eu estou meio passado também.

Dito isso, há muito tempo atrás, antes do pai da Greta Thunberg conhecer a mãe da Greta, eu cobria, como jornalista, a mudança do clima em um jornal que gostava muito de polêmica, o dono do jornal particularmente era um cara que gostava muito de polêmica. Uma vez ele me chamou na sala dele e falou: “Eu quero que você dê de 10 a 15% do seu espaço na editoria de ciência por ponto de vista dos céticos. O público precisa saber que eles existem nem que seja para desacreditá-los e confrontá-los depois”.

Eu não me neguei na hora, quem é doido de dizer não para o patrão, mas também não obedeci. Desconfio que isso tenha alguma relação com o fato de eu não ser mais jornalista hoje. Mas naquela época, isso foi em 2010, eu achava que essa turma dos ditos céticos fosse morrer de inanição, porque, afinal de contas, todo o acúmulo de conhecimento científico mostrava que eles não apenas estavam errados, mas que eles estavam completamente errados.

E em várias ocasiões eu cheguei a proclamar a morte dos negacionistas da mudança do clima, ainda que eu não me lembre de como publicamente eu fiz isso. Em 2007, quando o IPCC ganhou o Nobel da Paz junto com Al Gore, logo depois de publicar o quarto relatório, eu falei, “agora deu para esses caras [os negacionistas do clima], agora eles nunca mais se pronunciam”.

Em 2010, eu tive que dizer de novo, “agora deu para esses caras”. Todavia, tinha um “think tank” (com todas aspas aqui) negacionista chamado Hartland Institute, nos Estados Unidos, que espalhou cartazes pelo país inteiro com a foto do Unabomber, dizendo que o Unabomber era da galera que, entre muitas aspas, também acredita no aquecimento global. E eles começaram a perder financiamento por causa disso, afinal usar o Unabomber era demais, até para as empresas de petróleo que bancavam esses caras. Mas eles seguiram vivos. E aí, em 2015, veio o Acordo de Paris. E eu falei, “agora vai, né? Acabamos de fechar o Acordo Internacional contra a mudança

do clima. Então, agora não vamos precisar mais nos preocupar com eles! ". Mas, de novo, eu estava errado.

Hoje eu vejo que, mesmo sem querer, o meu patrão, quando falou, "dá aí um espaço para eles, nem que seja para dizer que eles estão errados", e ele estava enunciando o que se tornaria a linha de vida do negacionismo climático. Ele mostrou o que viraria a boia de salvação, na verdade muito mais do que a boia de salvação, ele mostrou o que seria a estratégia básica, o arroz com feijão do movimento negacionista moderno, que é o acesso. Eles não precisam estar certos. Eles precisam de acesso à ágora. E eles ganharam muito acesso à ágora, na última década, evidentemente, por meio das redes sociais, e hoje, acesso é algo que hoje eles têm de sobra. E dentro de uma lógica de comunicação, mas que também é uma lógica empresarial dessas plataformas de mídia social, que favorece, como todo mundo sabe, a polarização, os extremismos e a "treta" - e eu não preciso ficar repetindo isso aqui...

E esses caras são muito bons de gerar "treta". Eles usam o espaço público, como nós desgraçadamente aprendemos nos últimos cinco anos do Brasil. E eles dominam o espaço público muito bem porque como o custo de botar informação no ar hoje em dia é basicamente zero, o mundo da comunicação, o discurso público, virou um grande mercado de peixe, onde quem grita mais alto consegue vender mais. E esses caras gritam mais alto, porque eles não ficam usando expressões como "desvio padrão", "estatística" e "muito provavelmente", "veja bem, não dá para botar culpa de eventos extremos individuais no aquecimento global", porque isso, aquilo, aquilo outro... Ou seja, esses caras simplesmente vão lá, falam qualquer coisa, e assim eles dominam o discurso público. É por isso que o negacionismo climático é tão longo, disseminado, e tão entranhado na nossa sociedade.

Não sei se faz parte da proposta do evento em dar receitas para combater os negacionismos. Falo isso porque eu mesmo não tenho nenhuma! E, apesar de trabalhar com isso há mais de 20 anos, ainda não consegui dar conta desses caras, e todas as minhas esperanças de que eles fossem morrer desidratados foram em vão.

Mas eu acho que hoje o que nós temos é uma situação na qual o discurso negacionista - aqui eu estou falando de clima, mas podemos expandir para vacinas ou basicamente qualquer outra coisa - virou uma arma da extrema direita, no que eles gostam de chamar de guerras culturais. Antigamente, nos Estados Unidos, a primeira lei de combate à mudança climática foi feita por um senador republicano, junto com o senador democrata. E o finado Thomas Lovejoy gostava de me dizer que "conservador tem a ver com conservação, eles têm a mesma raiz".

E o Theodore Roosevelt, presidente dos Estados Unidos, que foi quem criou o sistema de parques nacionais, era um conservador, era um republicano. Isso virou do avesso e hoje,

nos Estados Unidos, para você ser republicano, você precisa negar o aquecimento global três vezes. E essa coisa da outright americana acabou sendo importada por outros países que não tinham esse problema ideológico de negacionismo climático. No Brasil, por exemplo, nós não temos um lobby fóssil privado grande aqui, o nosso lobby fóssil é estatal. Mas nós importamos esse discurso, acho que veio ali do estado da Virgínia, e foi direto para Rio das Pedras, para o Vivendas da Barra, e está no pacote do bolsonarismo, está no pacote do trumpismo, está no pacote da extrema direita em qualquer lugar do mundo.

Então me parece que a primeira coisa que devemos fazer para combater o negacionismo é expor a ligação entre esse, que eu vou chamar de movimento, ainda que não seja um movimento de verdade, é só um lobby, entre esse movimento e a política. Temos que também favorecer a democracia... E aqui eu faço um elogio à Ana Tony, que vai falar em seguida, mas está on-line. É importante eleger pessoas que coloquem em cargos de decisão pessoas como a Ana Toni é uma parte importante hoje do combate ao negacionismo climático. Acho que temos ainda um outro ponto que é a discussão que estamos começando a ver no Brasil que é a regulação das plataformas, a regulação das Big Techs. Trata-se de uma discussão que não tem a ver com ciência, porém, na minha visão, é absolutamente fundamental. É uma discussão que já está sendo feita na Europa e que o Brasil precisa acelerar com urgência porque essas empresas, o YouTube, o Google, a biblioteca de anúncio do Google, a Meta, hoje são os veículos nos quais a desinformação climática trafega.

Para finalizar, eu quero fazer uma provocação... Como os comunicadores de ciência devem reagir, como eles devem se portar?

Na área de mudança do clima, tivemos algumas experiências recentes de comunicação muito efetivas. Eu vou citar a minha preferida, que é a Greta Thunberg, que é uma pessoa que nunca teve medo de ser radical. A Greta, ainda quando cientistas estavam pedindo calma e os políticos estavam falando de como ela era uma jovem "fofinha", ela foi lá e botou o dedo na cara de todo mundo, naquele discurso maravilhoso em Davos, durante a COP 25. Ela virou para os líderes e foi muito direta dizendo coisas como: "eu não quero tapinha nas costas, não quero blá blá blá, a nossa casa está pegando fogo, eu quero que vocês entrem em pânico". Isso foi super efetivo. A Greta abandonou os senões, abandonou as estatísticas - eu sei que tem um monte de cientista aqui e que provavelmente isso é pecado - mas o que a Greta fez foi uma comunicação climática para fazer frente ao negacionismo. E hoje, na ágora, para que a comunicação climática seja efetiva, ela precisa ser muito radical, e o que a Greta fez é uma coisa incrivelmente efetiva.

Um outro caso, é o David Wallace Wells, um escritor americano, que escreveu um livro chamado "A Terra Inabitável", que é absolutamente horripilante e fala sobre mudança do clima,

sem distorcer a ciência, porém descrevendo os piores cenários possíveis. Quem olha para o Rio Grande do Sul hoje, para o Verão do Hemisfério Norte, e para o evento de seis sigmas - eu nem sabia o que era isso, evento de seis sigmas é o fenômeno do derretimento do gelo marinho na Antártida, em pleno inverno - quem olha para esses eventos pode dar razão para o David Wallace Wells. Isso é factível e está relacionado à segunda lei da termodinâmica, que é uma desgraça. Ela determina que os piores cenários tendem a ser mais simples de acontecer do que os melhores cenários porque o mundo tende a desorganização, o universo tende a desorganização.

Assim, eu penso que esses discursos mais radicais foram bastante eficientes, e é caracteristicamente sintomático, uma vez que nem a Greta, nem o Wallace Wells sejam cientistas. A Greta criou um movimento, que eu acho que foi a coisa mais poderosa que aconteceu em termos de comunicação de clima, mobilização, e pressão sobre tomadores de decisão, justamente radicalizando. Neste sentido, me parece que ganhamos muito pouco, ou quase nada, errando pelo lado do menor drama, como disse a Naomi Oreskes, pesquisadora de negacionismo nos Estados Unidos.

Ao utilizar a linguagem estatística, curvas e desvios-padrão, e os termos utilizados pelo IPCC como “muito provavelmente”, “tão provavelmente”, “improvavelmente”, “confiança média”, “confiança baixa”, é muito difícil que você consiga ganhar alguma coisa nesse espaço tão polarizado do debate público como a gente tem hoje sobre mudança do clima.

Por fim, eu acho que cabe aqui uma pequena “nota de depressão”, como se tudo isso que vocês ouviram até agora não fosse depressivo o suficiente. Em alguma medida, o negacionismo ganhou da gente, para mim como comunicador e jornalista que tentou durante muito tempo convencer as pessoas de que a nossa casa estava pegando fogo, usando os melhores dados e argumentos científicos, escrevendo em blog. (Será que alguém ainda sabe o que era um blog?) A impressão que eu tenho é de que não funciona argumentar. Esses caras ganharam, e hoje eles estão muito mais sofisticados. Hoje, por exemplo, o presidente da COP28 é o CEO de uma empresa de petróleo. Então, apesar da Greta, esses caras conseguiram adiar durante 30 anos o combate à mudança climática, de modo que hoje nós temos que lidar com as consequências, com o que está aí.

Evidentemente cada tonelada de carbono que é removida da atmosfera ou que tem sua emissão evitada importa quando pensamos nas mudanças climáticas. Mas, se por um lado o negacionismo não conseguiu tirar a evolução dos currículos escolares no mundo inteiro, infelizmente, por outro lado, ele foi muito eficiente em adiar o combate às mudanças do clima, a ponto de hoje eu pessoalmente não acreditar mais que a gente consiga limitar o aquecimento global em 1,5 °C. Ontem saiu o relatório da conversão do clima mostrando que as emissões

precisam chegar ao pico em 2025, daqui a dois anos, para que a gente tenha uma chance de 66% de limitar o aquecimento global em um grau e meio em relação à era pré-industrial. Eu não consigo ver nenhum cenário em que atinjamos um pico de emissões estável em 2025. Até 2030 as emissões do mundo teriam que cair em média quase 8% ao ano; elas caíram 5% em 2020 quando a pandemia quebrou a economia mundial, e aqui eu chamo a atenção de que apesar dessas emissões caírem, foi uma queda menor do que deveria ter acontecido pela nossa vontade, e, mesmo assim, ela só aconteceu por causa de uma tragédia de saúde pública.

Obviamente há o que comemorar, sim, os piores cenários de aquecimento de 4 °C e 6 °C estão basicamente descartados. Evidentemente não é por isso que a gente vai jogar a toalha, porque 1,6 °C é melhor que 1,8 °C, que por sua vez é melhor que 2 °C; então tudo o que fizermos agora importa. Todavia, a situação do Rio Grande do Sul, como mencionado no início dessa mesa, precisa mover a gente para um outro lado que é o de lidar com as consequências e pensar agora em, como escreveu também o amigo meu Carlos Rennó², “agora é encararmos o nosso destino e salvamos o que resta”.

¹ Na abertura da mesa “Comunicação em Meio Ambiente e Emergência Climática”, o mediador Luiz Bento emitiu uma nota de pesar, em nome da organização do III Encontro Brasileiro de Divulgadores de Ciência, devido aos acontecimentos climáticos extremos que atingiram o Sul do Brasil naquele período, com fortes chuvas e muitas pessoas desaparecidas. Bento ressalta a importância da comunicação pública da ciência para debater esse tema e das políticas públicas para prever e combater esses acontecimentos

² Música “Quede água”, de autoria de Carlos Rennó e Lenine

Referências

BRASIL. **Nota de Pesar: Pesquisador Doutor Alberto Setzer**. Notícias, Agência Espacial Brasileira. Disponível em: <https://www.gov.br/aeb/pt-br/assuntos/noticias/nota-de-pesar-pesquisador-doutor-alberto-setzer>. Acesso em: 14 de Abril de 2024.

Sobre o autor

Cláudio Angelo

Jornalista especialista em ciências e meio ambiente

e-mail: claudioang@gmail.com